

A CONSTRUÇÃO DOS “PASSOS DE RUA” EM VILA RICA
THE CONSTRUCTION OF THE “PASSOS DE RUA” IN VILA RICA
LA CONSTRUCCIÓN DE LOS “PASSOS DE RUA” EN VILA RICA

Vanessa Taveira de Souza¹
vanessaarquiteta restauradora@gmail.com

Staël de Alvarenga Pereira Costa²
staelalvarenga@gmail.com

RESUMO

Essa publicação tem por objetivo apresentar a história sobre a construção dos “Passos de Rua” em Vila Rica (atual cidade de Ouro Preto), considerando para isso a fundação da devoção ao Nosso Senhor dos Passos pela Irmandade dos Passos, em 1715, na Matriz de Nossa Senhora do Pilar e a sua preservação até a contemporaneidade. Através de consultas as fontes primárias e secundárias se fazem interpretações históricas e se demonstra os fatos mais relevantes e o dinamismo dessa devoção religiosa ao longo dos anos.

Palavras-chaves: “Passos de Rua”; Irmandade dos Passos; Vila Rica.

ABSTRACT

This publication to present the story the construction of the “Passos de Rua” in Vila Rica (current city of Ouro Preto), considering for this the foundation of devotion to “Nosso Senhor dos Passos” by the religious association of the Passos, in 1715, in the “Matriz de Nossa Senhora do Pilar” and its preservation until contemporary times. Through consultations in primary and secondary sources, historical interpretations are made and the most relevant facts and dynamism of this religious devotion over the years are demonstrated.

Keywords: “Passos de Rua”; Religious association of the Passos; Vila Rica.

¹ Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2011), Graduação em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013), Mestrado em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG (2019), e, Doutoranda em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável pela Escola de Arquitetura da UFMG (2019-2023). Atualmente é Arquiteta da Prefeitura de Belo Horizonte na Diretoria do Patrimônio Cultural da Fundação Municipal de Cultura. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5287503459000956>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0256-3291>.

² Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais (1974), Mestrado em Urban Design – Oxford Polytechnic (1980) e Doutorado em Estruturas Ambientais Urbana Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (2004). Professora Titular da Universidade Federal de Minas Gerais, na Escola de Arquitetura. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7983558643856599>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1018-204X>.

RESUMEN

Esta publicación presenta la historia de la construcción de los "Passos de Rua" en Vila Rica (actual ciudad de Ouro Preto), considerando para ello la fundación de la devoción a “Nosso Senhor dos Passos” por la asociación religiosa de los Passos, en 1715, en la Matriz de Nossa Senhora do Pilar y su preservación hasta la época contemporánea. A través de consultas en fuentes primarias y secundarias, se hacen interpretaciones históricas y se demuestran los hechos más relevantes y el dinamismo de esta devoción religiosa a lo largo de los años.

Palabras claves: “Passos de Rua”; Asociación religiosa de los Passos; Vila Rica.

INTRODUÇÃO

A atual cidade de Ouro Preto, foi ocupada no final do século XVII por paulistas e, posteriormente, por colonos e reinóis, atraídos pela exploração do ouro. Os primeiros moradores fundaram povoados, ao longo do ribeiro do Tripuí, nos morros de São João, São Sebastião, Santana, Padre Faria, Alto da Cruz, Antônio Dias, Passa Dez, Caquende e Ouro Preto, constituindo um tecido urbano que recebeu o nome de Vila Rica do Albuquerque, no ano de 1711. Ali, duas freguesias se destacaram já no primeiro quartel do setecentos: a Freguesia de Nossa Senhora do Pilar (ou Ouro Preto) e a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, cada uma com jurisdição própria e possuidora de templos edificadas pelos moradores, que buscaram o amparo espiritual e temporal das associações religiosas frente aos desafios impostos pela vivência no território recentemente ocupado. A Irmandade de Nosso Senhor dos Passos é um exemplo dessas associações, sendo a de Vila Rica, ativa no início do século XVIII. Essa Irmandade também foi a responsável pela construção das capelas dos Passos de Rua presentes nas duas freguesias destacadas.

Em 20 de maio de 1715, o Bispo do Rio de Janeiro, Dom Francisco de São Jerônimo, passou a provisão de ereção da Irmandade dos Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo da Matriz de Nossa Senhora do Pilar em Vila Rica (MENEZES, 1975). A Irmandade tratou de se acomodar em um altar lateral no templo religioso e se desenvolveu de modo a promover os festejos da Quaresma e Semana Santa pelas ruas de Vila Rica permanentemente, ao construir, ornamentar e manter os Passos de Rua.

DA INSTAURAÇÃO DA IRMANDADE DOS PASSOS EM VILA RICA À CONSTRUÇÃO DOS “PASSOS DE RUA” POR MANOEL FRANCISCO LISBOA

Após a instauração, em 1715, da Irmandade dos Passos de Nosso Senhor Jesus Cristo na Matriz de Nossa Senhora do Pilar em Vila Rica, essa Irmandade realizou o culto e festividade

de que era responsável. Entre os anos de 1716 a 1736, a Irmandade investiu na aquisição de tecidos, asas, papel, tinta etc. para a Procissão do Enterro (CAMPOS, 2004). Por certo, antes das construções das capelas dos Passos de Rua, a associação religiosa utilizou armações efêmeras, tanto do interior da Matriz do Pilar quanto nas ruas de Vila Rica, para realizar as procissões da Quaresma e Semana Santa, o que a onerava bastante.

No ano de 1729, provavelmente, se preparando para a construção arquitetônica das capelas dos Passos de Rua, a Irmandade pagou 78 oitavas pelos “payneis que mandou vir do Rio de Janeiro para os passos” (CAMPOS, 2004, p. 8). Entre os anos de 1731 e 1732, Manoel Francisco Lisboa³ recebeu uma série de pagamentos pela fatura das três ou quatro primeiras capelas, e, em meados do século XVIII, Vila Rica possivelmente já contava com cinco capelas dos Passos (CAMPOS, 2000).

Quase concomitantemente, entre os anos de 1734 a 1741, o entalhador Manuel de Brito⁴ ficou responsável pela execução dos altares laterais de São Miguel e Almas e do Senhor Bom Jesus dos Passos na Matriz do Pilar, os mesmos que vistos atualmente: “Depois do retábulo de São Miguel, Manuel de Brito acertou a execução da talha do retábulo do Senhor Bom Jesus dos Passos, pela qual foi merecedor de pagamentos entre 1734 e 1736” (PEDROSA, 2019, p. 260). Cotejando os dois altares, é possível inferir que o retábulo dos Passos apresenta um tratamento mais narrativo, pois em seu arranjo optou-se pelo uso de símbolos relativos ao martírio de Cristo, como: chicote, coroa de espinhos, martelo, cravos, dados etc. (CAMPOS, 2000). As diferenças estéticas entre os dois altares podem ter relação também com a atuação de outro entalhador, Pedro Gomes, “[...] registrado na documentação como oficial ativo na fatura da obra do Senhor dos Passos” (PEDROSA, 2019, p. 260).

Verifica-se que tanto o altar lateral da Irmandade dos Passos e as primeiras capelas dos Passos de Rua executadas pela Irmandade em Vila Rica são do início do século XVIII, época que essa financiou esses empreendimentos e contratou Manoel Francisco de Lisboa para

³ “Manuel Francisco Lisboa, da região de Lisboa, pai de Aleijadinho, foi sem dúvida o principal agente do desenvolvimento arquitetônico e urbanístico da Vila Rica na época de Gomes Freire, pois, além de igrejas importantes como a Matriz de Antônio Dias e Santa Efigênia, construiu também o Palácio, a antiga Cadeia, várias pontes, chafarizes e três capelas de Passos.” (OLIVEIRA; CAMPOS, 2010, p. 28, vol. 1)

⁴ “Já havendo trabalhado em Portugal, em 1726, o entalhador português Manuel de Brito, chega às terras brasileiras e assina contratos para executar o retábulo-mor da igreja de São Francisco da Penitência, do Rio de Janeiro, onde também executou o púlpito, em 1732, e as talhas parietais, entre os retábulos laterais, em 1739. Durante esse mesmo período em 1733, executou na Capitania de Minas Gerais a talha do retábulo de São Miguel e Almas, da Matriz do Pilar de Ouro Preto, em 1734 e 1736 executou o retábulo de Nosso Senhor dos Passos e a produção de um arcaz para irmandade dos Passos do Pilar. Se aventa a possibilidade também dele ser responsável pela execução dos retábulos de Santana Mestra e Nossa Senhora do Terço, na nave também da Matriz do Pilar, que dialogam com as obras por ele no mesmo templo realizadas. Ressalta-se que Manuel de Brito alternou entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais para realização de seus trabalhos de talha”. (PEDROSA, 2019, p.150)

construir três ou quatro capelas. E também contratou Manuel de Brito para riscar e entalhar o altar com contribuições de Pedro Gomes. Registra-se que após a construção tanto das capelas quanto do altar ambos já eram utilizados para se fazer as orações e a Procissão dos Passos.

DO ARRUINAMENTO DAS PRIMEIRAS CAPELAS À CONSTRUÇÃO DOS NOVOS PASSOS DE RUA

No Termo de reunião da Mesa, datado de 17 de dezembro de 1786, o Provedor André Rodrigues Passos sugeriu a mudança dos Passos de onde se achavam, pois estes se encontravam em péssimo estado de conservação. Para tanto, ressaltou que os novos fossem construídos no trajeto das ruas mais frequentadas, aquelas que vinham da Câmara para a Matriz do Pilar: Rua Direita, Rua São José, Rua do Rosário e Rua da Ponte Seca, que já eram assim designadas. A sugestão foi aceita pelos membros da Mesa, em 21 de dezembro de 1786 (MENEZES, 1975).

As capelas dos Passos de Rua de autoria de Manoel Francisco Lisboa estavam arruinadas no final do século XVIII e por isso a Irmandade dos Passos decidiu construir outras capelas. Essa indicação demonstrou a consequente alteração no trajeto processional da antiga procissão.

Tendo em vista um outro Termo, datado de outubro de 1788, é possível afirmar que a Mesa aceitou que fosse construído um Passo: “no fim da Ponte Seca, com aquela grandeza e perfeição devida devido ao culto de Deus, em cujo ofício se tinha gasto a quantia de 351 oitavas e meia de ouro” (MENEZES, 1975, p. 81). No mesmo documento ficou acordado que a Irmandade arcaria apenas com 87 oitavas, $\frac{3}{4}$ e quatro vinténs, o restante da quantia seria pago pelo Provedor Capitão Luís de Amorim Costa e pelo Secretário Manuel Francisco de Andrade (MENEZES, 1975).

A capela do Passo da Ponte Seca (Figura 01) é a primeira a ser construída no final do século XVIII dessa nova série de capelas e teve como financiadores a própria Irmandade dos Passos, o Provedor Capitão Luís de Amorim e o Secretário Manuel Francisco de Andrade.

Figura 1 – Passo da Ponte Seca, Ouro Preto – Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, Iphan, década de 1970.

No dia 20 de novembro de 1808, o Procurador João Rodrigues Lage sugeriu à Mesa a construção de um Passo localizado no final da Ponte de São José, em um terreno cedido pelo Capitão Bernardo Barbo, e sua construção foi aprovada pela Mesa naquela ocasião. No mesmo Termo, a Mesa destacou a intenção de finalizar o Passo edificado na Praça, que era inserido na casa de Manuel Correia de Sá (MENEZES, 1975).

A capela do Passo da Rua São José (figuras 2 e 3) obteve sua construção iniciada no começo do século XIX em terreno doado pelo Capitão Bernardo Barbo, nessa mesma época houve relatos da finalização da construção e financiamento da capela do Passo da Praça Tiradentes pelo Alferes Manoel Correia de Sá.

Figura 2 e 3 - Passo da Rua São José, registro externo e interno, Ouro Preto - Minas Gerais



Fonte: Arquivo Noronha Santos, Iphan, década de 1970.

Em 22 de maio de 1809, o Procurador informou a Mesa que a viúva de Ignácio da Conceição vendeu a casa onde havia sido edificado o Passo, sem a sua devida reserva. Diante disso, a Mesa decidiu reaver o Passo ali edificado, nem que para isso fosse necessário recorrer aos meios judiciais (MENEZES, 1975).

No início do século XIX a Irmandade dos Passos demonstrou a preocupação com a propriedade da capela do Passo da Rua Getúlio Vargas já construída após o falecimento de Ignácio da Conceição, que residia antes na referida residência.

Em seguida, o Padre Manuel Joaquim Ribeiro escreveu à Mesa ressaltando que adquiriu a casa sem reserva do Passo e que tinha a intenção de erigir um Passo à sua custa, em um lugar na sua propriedade afastado da edificação. Para o Reverendo era mais conveniente construir a capelinha na Rua Getúlio Vargas (figura 04), esquina da Ladeira da Batatinha, entre as casas e a divisa do Cirurgião-mor Caetano José Paracatu. A mesa concordou com a sugestão, desde que ele fizesse três sermões sem onerar a Irmandade, custeasse as portas e as janelas do Passo e entregasse a imagem. A Câmara concedeu o terreno desse Passo em 3 de fevereiro de 1816 (MENEZES, 1975).

A Irmandade dos Passos no início do século XIX autorizou o novo proprietário da residência à Rua Getúlio Vargas, o Padre Manuel Joaquim Ribeiro, a demolir e edificar um novo Passo financiado por ele e sem onerar a irmandade. Considerando, portanto, a localização

que ele definiu mais afastada da edificação e a Câmara concedeu o terreno para a sua construção.

Figura 4 - Levantamento Técnico Passo da Rua Getúlio Vargas, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, Iphan, 1939.

Em 3 de maio de 1820, o Alferes José Joaquim de Oliveira informou a Mesa que adquiriu o imóvel na Praça onde se encontrava o Passo e que o mesmo continuaria a pertencer a Irmandade, pois seus herdeiros não alegariam direitos sobre ele, embora tivesse aberto uma porta de acesso para dentro de sua casa. Em 16 de março de 1837, Antônio Corrêa Maia, herdeiro do Alferes de Oliveira, entregou o dito Passo à Irmandade (MENEZES, 1975).

Ainda em 1837, a casa que abrigava esse Passo foi vendida ao Sargento-mor José Baptista de Figueiredo, que se apresentou à Irmandade dos Passos e informou a Mesa sujeitar-se às obrigações de propriedade e conservação do referido Passo, já firmadas pelo finado Alferes de Oliveira (MENEZES, 1975). Fonte: Arquivo Noronha Santos, IPHAN, década de 1970.

A capela do Passo da Praça (figura 5) passou por mudanças na propriedade da sua residência de 1820 a 1837 e todos os novos proprietários assumiram a responsabilidade de manutenção da capela e para tal se apresentaram à Irmandade dos Passos.

No mesmo ano de 1837, a Irmandade dos Passos juntamente com a Irmandade do Santíssimo Sacramento e a Irmandade de Santo Antônio, as três localizadas na Matriz do Pilar, resolveram construir um cemitério ao lado do templo. O Capitão-mor José Bento Soares arrematou a obra por 450\$000 e, dessa conta, cada uma das irmandades depositou de imediato 50\$000. Como a construção do cemitério não foi levada a cabo, a Irmandade dos Passos reverteu a quantia depositada na construção do cemitério para edificação do Passo de Antônio Dias, a partir de 1843 (MENEZES, 1975).

Figura 5 - Passo da Praça Tiradentes, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, Iphan, década de 1970.

A capela do Passo de Antônio Dias (figuras 6 a 8) foi construída em meados do século XIX e foi financiada pela Irmandade dos Passos. Essa é a única capela que está situada nos domínios da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, já que as outras quatro estão situadas nos domínios da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar.

Essa especificidade de implantação das capelas em duas paróquias reforça a informação de que em Vila Rica as festividades são alternadas desde o início do século XVIII⁵ entre as Paróquias de Nossa Senhora do Pilar e de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias.

⁵ (...) tem-se notícia que, já em 1723, as duas paróquias se uniam, pelo menos em dia de procissão (...).” (CAMPOS, 2005, p.07).

Figura 6 e 7 - Passo de Antônio Dias, registro externo e interno, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, Iphan, década de 1970.

Figura 8 - Croqui Passo de Antônio Dias, Ouro Preto - Minas Gerais.



Fonte: Arquivo Noronha Santos, Iphan, década de 1970.

Em síntese as primeiras capelas destinadas aos Passos de Rua foram construídas entre 1731 e 1732 e o altar da Irmandade dos Passos entre 1734 e 1736. Depois do arruinamento das capelas elas foram demolidas, enquanto ao altar se preservou. Já no final do século XVIII foram construídas as novas capelas dos Passos de Rua seguindo a seguinte época de construção: em 1788, o Passo da Ponte Seca, em 1808, os Passo da Rua São José e o Passo da Praça Tiradentes, em 1816, o Passo da Rua Getúlio Vargas e, por último, em 1843, o Passo de Antônio Dias.

AS CINCO CAPELAS DOS PASSOS DE RUA VISTAS HOJE EM OURO PRETO

Provavelmente, as cinco capelas dos Passos de Rua vistas em Ouro Preto no ano de 2023 são as mesmas que vêm sendo preservadas pela Irmandade desde meados do século XIX. (OLIVEIRA; CAMPOS, 2010) informam que em cada uma delas consta atualmente a seguinte representação: 1ª) Encontro com Verônica, painel atribuído ao pintor marianense Manoel da Costa Athaíde⁶, que se insere em um retábulo de madeira, localizado no Passo da Ponte Seca da, construção isolada contra o muro de pedra, considerada a de maior apuro arquitetônico da série; 2ª) Escultura do Senhor da Coluna no Passo da Flagelação, situado na Rua Getúlio Vargas, construção junto a um casario; 3ª) Escultura do Senhor da Cana Verde no Passo da Coroação de Espinhos, localizado na Rua São José; 4ª) Escultura do Senhor dos Passos (Cruz-às-costas), inserida em um retábulo de madeira com pintura marmorizada, situado na esquina da Praça Tiradentes com a antiga Rua Direita – esse Passo é conhecido tradicionalmente como o “Passo do Encontro”, porque em sua frente realiza-se o encontro das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa das Dores, na procissão que ocorre no Domingo de Ramos durante a Semana Santa; 5ª) Escultura do *Ecce Homo*, trajando capa carmesim e coroa de espinhos no Passo do Pretório, localizado no bairro Antônio Dias, na confluência de ruas no final da antiga Rua do Ouvidor, sua construção é de meados do século XIX⁷.

⁶ Durante o ano esse painel fica conservado no corredor lateral da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar da cidade de Ouro Preto. É possível que outra tela do pintor ou da sua oficina, atualmente conservada no Museu da Inconfidência e representando “A queda de Cristo sob a Cruz”, fosse destinada a uma das capelas dos Passos (OLIVEIRA; CAMPOS, 2010).

⁷ Em 1986 essa capela do Passo foi restaurada, após um acidente que danificou o seu volume. De acordo com a notícia jornalística: “A delegacia regional do SPHAN em Minas Gerais embargou ontem as obras de restauração da capela do Passo da Rua Cláudio Manoel, bairro de Antônio Dias, porque estava sendo feita sem supervisão de seus técnicos. A construção fora parcialmente destruída quarta-feira por um caminhão da Prefeitura, que se desgovernara ao descer a ladeira. A restauração deverá ficar pronta até quinta-feira”. (Jornal do Brasil, Nº - 14 - 1º caderno - sábado, 22/3/1986, Ouro Preto. Acessado em 02/04/2023).

Apesar de serem cinco capelas dos Passos de Rua, sete é o número total de estações utilizadas durante as sextas-feiras da Quaresma, porque a primeira e a última cena são montadas geralmente nas igrejas que marcam o início e o fim do percurso do cortejo.

Destaca-se ainda que, desde os primórdios da Irmandade dos Passos em Vila Rica, a associação religiosa veio adquirindo bens para serem usados no culto, e parte deles possivelmente está preservado ainda hoje. Em inventário da Irmandade, na primeira metade dos setecentos, os devotos já contavam com: uma imagem do Senhor dos Passos; uma imagem do Senhor Morto e o seu esquife de jacarandá; um pálio de seda; e dois andores, um para o Cristo e outro para a Virgem. Possuíam ainda uma série de cabeças, mãos e perucas para montagem de imagens de roca versáteis⁸, a serem utilizadas na Quaresma. Em data anterior ao ano de 1745, a Irmandade tinha também uma face do Senhor do Horto, de Nossa Senhora das Dores, de Maria Madalena, de São João Evangelistas e de São Pedro. Em 1809, inventariou-se uma outra imagem de Nossa Senhora das Dores⁹ com seu respectivo diadema e espada de prata (CAMPOS, 2004).

Através disso verifica-se que a escultura do Senhor dos Passos e a de Nossa Senhora das Dores utilizadas no culto antigo da Irmandade dos Passos foram inventariadas em meados do século XVIII e por isso devem ter sua encomenda e fatura nessa época ou anteriormente. Ressalta-se que a escultura de Nossa Senhora provavelmente foi substituída no início do século XIX, cujo Inventário dessa época indica a sua aquisição. Questão confirmada pela constatação *in loco* de que essa escultura abriga o altar lateral da Matriz do Pilar e também é a mesma retirada para a procissão.

Ressalta-se que a Irmandade dos Passos foi extinta no século XIX em Ouro Preto e atualmente a Irmandade do Santíssimo Sacramento da Paróquia do Pilar é responsável pela execução de suas tradições juntamente com a Paróquia de Antônio Dias e outras irmandades e ordens terceiras também participam dos festejos, como a de Nossa Senhora das Dores, de Nossa Senhora das Mercês e de São Francisco de Assis.

⁸ Nas imagens de roca: “Sua concepção própria engloba um suporte em madeira que pode ser uma estrutura simplificada – roca, ou mais complexa, porém sempre deverá ser coberta pelas vestes. Possui partes esculpidas de forma completa e policromadas, habitualmente cabeça, mãos, pés, e às vezes braços e pernas, que geralmente recebem esmerado tratamento da talha e da carnação, pois sempre ficam visíveis. Pode ocorrer uma policromia simplificada nas partes escondidas sob as vestes ou mesmo a madeira estar aparente.” (COELHO; QUITES, 2014, p.44).

⁹ Atualmente, uma escultura de Nossa Senhora das Dores, com diadema na cabeça e espada no peito, ocupa o retábulo lateral na Matriz do Pilar outrora dedicado à Nossa Senhora da Conceição, cuja Irmandade se extinguiu entre os anos de 1718 a 1729 (CAMPOS, 2000).

TOMBAMENTOS DO CONJUNTO URBANO DE OURO PRETO E DOS PASSOS DE RUA

No ano de 1937, o governo brasileiro fundou o Sphan – Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual Iphan), com o intuito de proteger o patrimônio cultural do país (CAMPOS, 2000). Entre suas primeiras medidas, a entidade realizou o tombamento do conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Ouro Preto e sua respectiva inscrição no Livro de Tombo das Belas Artes (Iphan, 1938). Em 1938, o SPHAN promoveu o tombamento individual das capelas dos Passos de Rua no mesmo Livro de Tombo, o que incentivou a conservação dos imóveis e a divulgação da devoção ao Senhor dos Passos e às Dores de Maria no território nacional (Iphan, 2010). No entanto, somente em 1974, o IPHAN inventariou cada uma das cinco capelas, possibilitando o registro e a identificação da sua arquitetura e dos seus objetos devocionais, bem como a análise dos estados de conservação dos preditos bens (Iphan, 1974).

No ano de 1980 a cidade de Ouro Preto foi declarada “Patrimônio Cultural da Humanidade” pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), o que atestou valor histórico, estético, científico e antropológico do município em nível mundial, impactando-a com turismo de massa (CAMPOS, 2000). Em 1986, após reflexões promovidas pela Carta de Veneza de 1964, referentes a ampliação dos conceitos de paisagem urbana, atribuiu-se novos valores ao conjunto arquitetônico e urbanístico da cidade de Ouro Preto, escrevendo-o no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico e, também, no Livro de Tombo Histórico (Iphan, 1938-2018). Assim a proteção das capelas dos Passos de Rua foi se ampliando a medida que a cidade de Ouro Preto obteve mais níveis de proteções.

CONCLUSÕES

Os registros históricos relativos à fatura das capelas dos Passos de Rua acima descritos demonstram que a Irmandade dos Passos se ocupou da construção dos Passos durante mais de um século, mais precisamente, entre os anos de 1724 a 1843. Atestam também que a quantidade de capelas variou, assim como houve mudanças em suas localizações, já que a construção dos Passos também acompanhou as transformações urbanas ocorridas no tecido urbano de Ouro Preto. A atuação das associações religiosas das duas matrizes, a do Pilar e a de Antônio Dias, foi relevante para o dinamismo da prática e construção das capelas que a nós chegaram.

Ressalta-se por fim, que apesar da extinção da Irmandade dos Passos em Ouro Preto, o culto é mantido até a contemporaneidade nesta cidade, isso demonstra a força da sua implantação e a consequente permanência dessa devoção popular para uma comunidade

religiosa, que preserva a sua transmissão geracional. Apesar de sua relevância social e temporal os Passos de Rua e suas festividades ainda são pouco estudados e pesquisados, por isso a divulgação de parte da sua história nesta publicação.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Adalgisa Arantes. “Aspectos da Semana Santa através do estudo das Irmandades do Santíssimo Sacramento: cultura artística e solenidades (Minas Gerais séculos XVIII-XX)”. In: **Universidade Federal de Minas Gerais, Revista Barroco nº 19**. Belo Horizonte, 2005.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. “Piedade Barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais”. In: **Anais do VI colóquio luso-brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro**. CBHA/PUC-Rio/UERJ/UFRJ, 2004. ISBN 8587145-12-6 vol. I.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Roteiro Sagrado: monumentos religiosos de Ouro Preto**. Belo Horizonte: Tratos Culturais/Editora Francisco Inácio Peixoto, 2000.

COELHO, Beatriz; QUITES, Maria Regina Emery. **Estudo da escultura devocional em madeira**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Processo de tombamento nº 0070-T-38 Volume 1 e 2 “Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da cidade de Ouro Preto – Ouro Preto – Minas Gerais”**. Rio de Janeiro: Arquivo Noronha Santos, 1938.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário nacional de bens móveis e integrados de Ouro Preto**. Ouro Preto: Arquivo Escritório Técnico de Ouro Preto, 1974.

- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Portaria nº 320, de 20 de outubro de 2010. Dispõe sobre os critérios para a preservação do Conjunto Arquitetônico e Urbanístico de Ouro Preto em Minas Gerais e regulamenta as intervenções nessa área protegida em nível federal**. Disponível em: Legislação - IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Acesso em: 02/04/2023.

JORNAL DO BRASIL. Nº - 14 - 1º caderno - sábado, 22/3/1986, Ouro Preto. Arquivo Escritório Técnico de Ouro Preto, 1986.

MENEZES, Furtado de. **Igrejas e Irmandades de Ouro Preto** (A religião em Ouro Preto). Publicações do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, Publicação nº 01. Belo Horizonte, 1975.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro; CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Barroco e Rococó nas Igrejas de Ouro Preto e Mariana**. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2010. - 2v. (Roteiro do Patrimônio; 10).

PEDROSA, Aziz José de Oliveira. **A produção da talha joanina na Capitania de Minas Gerais: retábulos, entalhadores e oficinas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.